



“Visualmente, sonoramente e atmosféricamente, [Nosferatu](#) é outro banquete sem fim de Eggers. É um [filme](#) de [terror](#) gótico de grandeza clássica com um toque de loucura.”

Prós

- É um banquete visual
- Eggers sabe como aumentar o pavor
- Lily-Rose Depp fornece uma nova vantagem excêntrica para a história

Contras

- Bill Skarsgård não é o Orlok mais assustador
- Drácula ainda é apenas Drácula

Drácula sempre foi o mais erótico dos monstros, uma aberração insaciável nas ruas e entre os lençóis. Bram Stoker introduziu o personagem na década de 1890, na mesma década em que os falantes de inglês começaram a usar a expressão “pequena morte” (do francês *pequena morte*) para equiparar o orgasmo à morte. Cada filme feito a partir do marco da ficção gótica de Stoker (há muitos para, aham, contar) reconheceu o fascínio sedutor do vampiro. Mas para encontrar a sua expressão mais pura, é preciso voltar a um dos primeiros – ao Conde Orlok, a grotesca ameaça murina da era silenciosa e não autorizada de FW Murnau. *Nosferatus*. Esta abominação assustadora está muito longe dos Dráculas altos, morenos e bonitos que elegantemente desceram escadas sinuosas nos anos (e adaptações) que viriam. Mesmo assim, ele é uma criatura de magnetismo mórbido, atraente da mesma forma que o esquecimento é atraente, de uma forma que só Freud poderia realmente explicar.

*Nosferatus*um remake elegantemente sinistro do clássico de Murnau de 1922, está no seu melhor quando suga a mesma veia de desejo psicosssexual. Foi escrito e dirigido por Robert Eggers, que não poderia ser mais adequado para o material – por causa de sua obsessão com a aparência e a linguagem do velho mundo, sim, mas também por causa de como seus filmes apresentam tão frequente e perversamente o mal como um fruto proibido maduro

para ser colhido. “Você deseja viver deliciosamente?” acenou para um Príncipe das Trevas diferente no primeiro de seus pesadelos personalizados, *A Bruxa*. Era uma promessa de prazeres, carnavais ou não, aguardando aqueles dispostos a negociar suas almas por eles. E quem poderia esquecer Robert Pattinson se masturbando furiosamente em *O Farol* conjurando o sobrenatural de seus sonhos muito molhados de sensualidade viscosa e cheia de tentáculos?



Recursos de foco

Eggers coloca em primeiro plano um tango de sexo e morte imediatamente. Como o original *Nosferatu* ele poupa mais tempo do que a média *Dracula* na parte do prólogo da história de Stoker, embora, neste caso, o pigarro antes de morder a garganta seja dedicado mais fortemente a Ellen Hutter (Lily-Rose Depp), uma frau alemã perturbada por suas despertantes visões noturnas de pestilência e decadência. Um querido amigo (*Deadpool e Wolverine* a ladrão de cenas Emma Corrin) garante a ela que é Deus cuja presença avassaladora ela está sentindo. Logo depois, o marido de Ellen, Thomas (*A Ordem* (Nicholas Hoult)), segue para as montanhas da Transilvânia para negociar um acordo imobiliário com um nobre recluso, assim como todas as iterações de Jonathan Harker devem fazer.



Recursos de foco

Nos Cárpatos, dentro daquele castelo em ruínas, a história é sempre a mesma, com mais ou menos um harém de donzelas sugadoras de sangue. (É a segunda passagem de Hoult por esta passagem icônica e interminavelmente reencenada, após os flashbacks monocromáticos de seu nocivo *Renfield*.) Claro, você não refaz explicitamente *Nosferatus* - em vez de simplesmente voltar ao material de origem - a menos que você esteja ansioso para brincar com a imagem específica e repugnante de Orlok, a personificação da morte semelhante a um roedor que Max Shreck immortalizou no original. Quem, a não ser o próprio Pennywise, Bill Skarsgård, poderia ocupar esse lugar e aproximar-se daquelas feições cadavéricas e afundadas? Por um tempo, Eggers mantém Orlok envolto em trevas - uma silhueta de malevolência, coaxando linhas de uma maneira hesitante e não natural que lembra o boato apócrifo que Bela Lugosi proferiu. *dele* Drácula dialoga foneticamente.



Recursos de foco

Na verdade, Skarsgård é mais assustador antes de darmos uma boa olhada nele. Para distinguir seu Orlok do de Shreck, o ghoulish recebeu uma afetação curiosa: um bigode espesso que o faz parecer (menos que horrivelmente) o fantasma de Joseph Stalin. E o ator se esforça para dar um novo toque memorável ao personagem retratado com mais frequência em toda a literatura. Sua atuação é ofuscada pelos Dráculas e Orloks de antigamente: pela teatralidade excêntrica de Lugosi, pela estranheza sobrenatural de Shreck, pela fervura predatória de Christopher Lee. E então houve o intenso Klaus Kinski, que foi maquiado para se parecer com Shreck, mas deu ao conde uma transformação bastante patética e estranhamente simpática no remake de Werner Herzog, *Nosferatu, o Vampiro*.

Mesmo sem um vilão instantaneamente imortal, este *Nosferatus* lança um feitiço. Visualmente, sonoramente e atmosféricamente, é outro banquete sem fundo de Eggers, um filme de terror gótico de grandeza clássica e um toque de loucura. O diretor de fotografia Jarin Blaschke, que filmou todas as jornadas anteriores do diretor na história sombria, suga as imagens de brilho, dando-lhes uma palidez azulada, quase preto e branco, que sugere um cadáver drenado. Se sua paleta é claramente austera, suas composições são de tirar o fôlego, especialmente quando os ambientes pairam sobre os personagens, ameaçando engoli-los como as forças das trevas que se acumulam.

Linguisticamente, o filme é menos saboroso do que outros shows de terror de Eggers, que reproduziram cuidadosamente o vernáculo exagerado de seus respectivos cenários do velho mundo. Naturalmente, ele guarda seu diálogo mais roxo para seu *Farol* estrela, Willem

Dafoe, que invoca uma seriedade adequadamente lúdica como o análogo de Van Helsing, um médico trazido assim que Orlok deixa sua terra natal e Ellen cai ainda mais sob a influência de seus feromônios sobrenaturais de impulso de morte. (Tendo anteriormente interpretado um Schreck sanguinário em *Sombra do Vampiro* um thriller fantástico sobre o making of *Nosferatus* Dafoe agora se junta a Rutger Hauer na pequena lista de atores com versões de Drácula e seu inimigo em seu currículo.)



Recursos de foco

O pavor é sempre opressivo no trabalho deste cineasta - um cobertor grosso e pesado enrolado sobre os personagens, sobre o público, sobre cada momento. Isso combina *Drácula* bem, já que a história tira seu poder da representação do mal como uma ameaça crescente. Eggers visualiza essa ideia de forma impressionante com uma imagem da sombra de Orlok alcançando, dedo por dedo torto, através de torres e paralelepípedos. Os estudiosos há muito escrevem sobre as conotações racistas da conspiração de invasão de Stoker, mas o pânico aqui é de natureza mais viral. Chegando na sequência de uma pandemia global, tal como aconteceu com o original, Eggers' *Nosferatus* está inundado de sinais da peste. O monstro é frequentemente flanqueado por ratos correndo - uma imagem assustadora compartilhada com a visão excêntrica de Herzog.

A certa altura, *Drácula* ainda é apenas *Drácula* independentemente de como é chamado. Murnau descobriu isso da maneira mais difícil quando foi processado pelo espólio de Stoker, embora tenha mudado os nomes dos personagens e alguns detalhes importantes da trama. Um século depois, é um desafio extrair novas gotas de força vital dramática deste material. É preciso um verdadeiro visionário como Francis Ford Coppola para fazer algo novo com uma história que foi levada à tela literalmente dezenas de vezes. Embora seu título



implicasse uma fidelidade extenuante, *Drácula de Bram Stoker* ousadamente distorceu o trabalho do autor em um romance pródigo e trágico. *Nosferatus* como Eggers o concebeu, é mais como um cover muito melodioso de uma música que você já ouviu muitas e muitas vezes antes.

Somente quando ele flerta, como Coppola, com um tipo de loucura mais excêntrica, o diretor ameaça realmente deixar sua marca no que Murnau subintitulou como a sinfonia do horror. Entre as coisas de cada *Drácula* - aquela viagem montanha acima, a última viagem da condenada Deméter, Renfield balbuciando no asilo - permeia o retrato de uma mulher vitoriana solitária, tomada por um desejo por mais. Muito mais do que Skarsgård, é Depp, febrilmente possuído no papel de Mina Harker, quem nos faz acreditar em Orlok como uma força de sedução sexual hipnótica e desestabilizadora. Nenhuma cena com o vampiro é tão arrepiante quanto aquela em que Ellen descreve, com uma mistura de alegria e terror, seus sonhos de um casamento profano. E quando ela rosna: "Você nunca poderia me agradar como ele faz", para seu marido abalado, é difícil não se perguntar se ela conjurou o diabo para se libertar de uma vida desprovida de excitação. Ela está mal pelo pior de todos e pronta para viver deliciosamente.

Nosferatus agora está em exibição nos cinemas de todos os lugares. Para mais textos de AA Dowd, visite sua Página de autoria.